

o romance fosse total estaria perdido na extensão de seu enredo universal e não o captaríamos com a mesma facilidade proporcionada pela nossa pobre capacidade mental. Vivermos aos pedaços, admiramos em fragmentos. Mas o grande drama aí está para quem se dispuser a examiná-lo, e neste instante do mundo se escreve com a tinta secreta da diplomacia da pre-guerra, e ainda bem que não passou de seu primeiro capítulo.

03a0156-49

1. Reinaldo Houng
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. crônica sobre o Barão Henry Hulet
5. Porto Alegre
6. 24 de março de 1949
7. n.º 146
8. seção Arte e Literatura
9. Sem
10. Amélia Oster
11. 13 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Houng

Nem sempre os homens si-
lenciosos guardam em si um
enigma. Às vezes nos espanta-
mos desvendando casualmen-
te o interior de criaturas cujo
silêncio habitual nos prome-
tia insuspeitadas profundida-
des de espírito. Constatamos
afinal que este silêncio era
realmente uma ausência, mas
escondia uma riqueza sob a
cautela discreta da máscara
impassível e calada. Mas
nem por isso a regra deixa
de persistir em nós com o
seu prestígio, e sempre espe-
ramos do que se defen-
dem sob as aparências da
trivialidade, qualquer coisa
que desminta a sugestão des-
sa atitude. Não raro vamos
encontrar sob essa aparên-
cia cômoda a vida do coti-
diano, principalmente porque
não despertamos invejas nem re-
sentimentos, a profundidade
de uma cultura pessoal que
acaba nos fascinando.

Esse homem tranquilo
que diante dos outros sem-
pre desejou permanecer apó

gado, que durante algum tempo foi consul de França em Porto Alegre, e que acaba de morrer em sua pátria como aqueles passaros do porto que retornavam ao berço na hora final, esse homem que se chamou Henry Hulot, foi uma das poucas surpresas que encontramos um contraste entre as aparências da superfície e a realidade de fundo.

Certas passagens na obra de Marcel Proust acabam se incorporando à memória emocional do leitor, e nunca mais as esquecemos tão vivas e ricas dessa substância mágica que mantém num clima de sedução literária excepcional a força do escritor, faz se tornar mesmo um lugar comum nas considerações da crítica e dos comentários à obra proustiana, aqueles trechos referentes à memória involuntária. Nesses textos que afinal a gente não sabe se deve tomar como ficção ou como qualquer outra coisa mais ligada à vida e às suas coi-

rentes subterranea, a beleza dos momentos com o chá de tilia e a magdelaine, a diferença de altura, entre os degraus de casa dos Guerther tombando durante a nantes, o tilintar das co-exercuças musical tudo passou ao acervo comum sobre o tronco principal da obra de Proust e sua análise nos é familiar, tantas vezes tem sido abordada pelos comentadores.

mas há em Proust os frechos da sonata misteriosa se detiver num exame demorado e aquecido pela paixão, sentir que ao longo dessa fascinante aventura pelo interior de si mesmo, escritor, firma-se preso á sedução dessa música que vem de longe e revoa em torno de sua memória, silêncio particular de seu mundo invisível, onde só ele a sente, fugitiva e incerta como um harmonio fragmento de recordação. Só essa sonata de Vintuil que revive na sala iluminada do Verdun

e apaixonou a alma discreta e sensível de Swan, no clima equivoco e sabroso de Odete. A mesma partitura que um dia faz longe na doirada memória das aquelas tardes de Combray, provocou a estante de Intermittent foi o tema dos comentários dessa visita longínqua, mas ficou depois para sempre no espírito do menino de olhos de amendoa cuja enfermidade fabulosa permitiu ao mundo possuir as mais impressionantes páginas da ficção moderna.

Certo tarde, na conversa banal que estávamos mantendo, aflorou à tona o tema Marcel Proust. E. M. Henry Hulot, consul de França em Paris, veio conosco com aquela simplicidade que o caracterizava, permitiu que conhecessemos os setores ocultos de sua cultura literária. A sonata de Intermittent surgindo na palestra, falou sobre a mesma revelando tão preciso conhecimento de suas origens, do segredo de sua formação na obra de Proust, que nos sentimos

até certo ponto ludibriado, pois o
barão Hulot sempre fizera praga
de seu alheamento às coisas de
cultura, dizendo-se apenas um
homem prático, simples funcioná-
rio da carreira consular.

Depois pouco a pouco, na sua
intimidade de espírito, todos
quantos com ele privavam, fo-
ram descobrindo o conhecedor
em alarde da obra dos grandes
escritores de França. De vez em
quando lá vinha uma inter-
pretação inesperada e rara,
uma visão das coisas que só
o comércio demorado com as
grandes páginas poderia justifi-
car. Mas se percebia que em
torno as atenções se concentra-
vam. Henry Hulot se recolheu
na sua modestia, fechava-se no
seu silêncio, disfarçava para que
os outros pensassem que ele não
era mais que o simples funcioná-
rio apagado...

Foi esse o homem que voltou
agora definitivamente à terra de
FRANÇA e ao silêncio inferturba-
vel. Dele, em nossa memória, fica-
ram esses traços relembrados
sempre a raras e insuspeitadas

REY
CLI 0270
SIST. 59305

beleza de suas preocupações. Aquela sonata que de vez em quando ondula nas páginas de Proust, nasce e morre misteriosamente, sai um momento do tempo e reentra na sepultura das horas mortas e esquecidas, aquela sonata que esse amigo sabia evocar e explicar com sua delicada erudição, é nossa desejada homenagem em pensamento, a figura profunda mas desligante que desapareceu da vida.